
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Anais
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"

IDENFIFICANDO O "SAGRADO" EM PIXOS QUE "PROFANAM" O IDEAL ESTÉTICO DE UM ESPAÇO PÚBLISO: REFLESÕES A PARTIR DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO*

Ismael de Vasconcelos Ferreira, UFJF**

Resumo

Pichações são sempre algo que desafiam a ordem comum estabelecida. Tanto a mensagem simbólica que elas trazem, quanto a intervenção estética que geram em um ambiente que não foi criado/pensado para tal, saltam aos olhos de observadores que, munidos de pressupostos diversos, emitem opiniões também as mais diversas. Considerando que a predominância dessas opiniões segue a linha do que mencionei em segundo lugar (o pixo visto como uma "má" intervenção estética), minha proposta, com esta comunicação, segue pela primeira linha, que é compreender a expressão simbólica (linguagem) manifesta por esses pixos, entendendo serem eles frutos de uma dimensão profundamente humana que revela uma essência de ordem religiosa, podendo ser lida a partir dos mesmos referenciais que orientam os estudos sobre tradições religiosas objetivamente reconhecidas. Com isto, espero poder demonstrar novas possibilidades de abordagens metodológicas de pesquisa, tendo a Ciência da Religião como referencial significativo e plausível para a análise, discussão e compreensão de fenômenos advindos de novas espiritualidades não-religiosas representadas em pixos largamente encontrados em espaços públicos, como os que foram catalogados para esta pesquisa, situados em uma universidade pública, a rigor, local laico e avesso a manifestações religiosas proselitistas.

Palavras-chave: Ciência da Religião. Espaço público. Manifestações religiosas. Pixo.

Introdução

O espaço público, laico por definição (seguindo o conceito positivista de laicidade que se confunde com o de secularização), ainda guarda manifestações essencialmente religiosas. Religiosas não no sentido institucional, como ficou convencionado o uso do termo "religioso", mas em um sentido mais profundo e constitutivo, característico da própria experiência humana que busca um sentido último para sua existência.

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 12 – Espaço público, cidadania e religiões.

** Doutorando em Ciências da Religião (Bolsista CAPES). E-mail: ismaelvasconcelos@yahoo.com.br

Esta busca de sentido se dá por meio de linguagens simbólicas (necessária a redundância) que tornam uma experiência visível, ou seja, o que se vê em manifestações mais objetivas, como o pixo a ser discutido nesta comunicação, denota uma realidade não apreendida por meio da simples observação. Deste modo, pichações não são "só" intervenções estéticas negativas, mas manifestações de ordem religiosa, partindo de pressupostos que nos permitem fazer uma leitura compreensiva do pixo enquanto fenômeno religioso, algo que é característico de uma abordagem da Ciência da Religião que prima pela atenção à dimensão religiosa do homem.

Assim, este trabalho não se deterá em análises do pixo enquanto representação de um tipo artístico ou como forma de expressão cultural, mas considerará o *a priori* presente nas mais diversas pichações existentes em paredes e muros de um espaço público, reconhecido por sua pluralidade e diversidade, mas promovendo um proselitismo característico das religiões evangélicas, por exemplo.

Para tanto, a abordagem teórica utilizada terá como referência autores que compõem o quadro teórico da Ciência da Religião, como Rudolf Otto e Mircea Eliade, a partir de suas noções de "Sagrado" (Otto, 2007) e "*homo religiosus*" (Eliade, 2010), e que foram reforçados por outros autores como Paul Tillich que definiram religião como "preocupação última" (Tillich, 1974) e "a substância da vida espiritual humana" (Tillich, 2009), e Ninian Smart, que considera a religião como experiência constitutiva da humanidade (Smart, 1981).

Longe de ser um texto que busque dar conta, de modo pleno, de uma manifestação que cabe várias outras análises, este trabalho visa apresentar reflexões sobre possibilidades de aplicação da teoria da Ciência da Religião em estudos sobre manifestações de cunho essencialmente religioso (substância), mas sob a capa de outras apresentações (formas) culturais. Outrossim, visa contribuir também para o que se caracteriza como

"espiritualidades não-religiosas", tendo em vista o conceito ambíguo de "espiritualidade".

O "sagrado" na experiência humana de sentido

O pixo, analisado enquanto intervenção estética negativa, tem como *a priori* a experiência de quem se considera detentor ou consumidor do espaço pichado. O ideal de alguém que constrói uma fachada, ergue um muro ou uma parede é que aquilo se torne objetivamente funcional, ou seja, se é fachada, que receba uma boa pintura e embeleze o exterior de uma construção; se é um muro ou parede, que vise um outro fim funcional, como o da proteção, do bloqueio visual e/ou da delimitação de espaços. Em ambos os casos, é senso comum que quanto mais limpo e homogêneo seja este espaço, mais aprazível será à vista.

Mas a abordagem que este trabalho deseja seguir é o *a priori* do pichador, que se utiliza dos mesmos espaços (sem eles não haveria pixo), mas com motivações distintas. Munido de uma cosmovisão refletida (manifesta) nos pixos que ele executa, sua intenção não é simplesmente de "poluir visualmente", mas de protestar contra uma realidade percebida a partir dos pressupostos que lhe motivam. Neste sentido, não é plausível ao pichador protestar em um espaço que não tenha visibilidade. Se sua intenção é alcançar o maior número de pessoas possível, quanto maior e mais marcante for a intervenção, melhores resultados ele terá. Ressalte-se que esses resultados não são objetiváveis a curto prazo, como um anúncio de venda de algo, por exemplo, mas visam o preenchimento de situações subjetivas que, mais cedo ou mais tarde, serão objetivadas em uma situação da vida cotidiana do seu leitor ou observador. A princípio, a ideia do pixo não é de causar repulsa a quem o lê, mas de levar este interlocutor a refletir sobre uma situação real, senão de sua vida, mas da vida de quem fez o pixo.

Baseado nesta discussão, o pixo seria o resultado de uma experiência de sentido último e que, por isso, não pode ser tomada a partir de seus aspectos visíveis, exteriores, mas das intenções de seus autores e, em outras abordagens, das experiências das pessoas que leem os pixos. E aprofundando-se nesta experiência, chega-se a uma substância, um núcleo que é constitutivo e fenomenologicamente equiparável a outras manifestações de ordem religiosa, como o proselitismo evangélico, por exemplo. Fala-se aqui do "sagrado" que é constitutivo desta experiência de produção de sentido, mas que só pode ser verificável retirando-se os pressupostos formais que o representam simbolicamente. Trata-se de um exercício hermenêutico, necessário à compreensão do símbolo (do pixo), mas principalmente empático, por ser fruto de uma experiência que é humana em essência (Smart, 1981).

As comparações nos ajudam a compreender esta dinâmica. Então, considere um palestrante que fala a uma plateia um assunto pululante em um auditório, podendo eventualmente utilizar um recurso visual para marcar suas melhores construções textuais frutos de sua experiência de busca de fontes para a temática que defende em sua exposição. Agora, desconsiderando todos esses aspectos formais (palestrante, plateia, auditório, erudição), o pichador faz o mesmo, por vezes utilizando apenas uma frase. A validade do que se diz em ambos os casos é julgada pela experiência dos interlocutores. Em cada uma das representações, quem participa encontra sentido em algo que foi dito/exibido, no caso do palestrante, ou pichado, no segundo caso. Contudo, a ênfase para este último, neste trabalho, se dá devido à capacidade de síntese do autor e de resposta do interlocutor. Por lidar com questões profundas da vida humana, traduzidas formalmente como preconceito, ódio, machismo, homofobia, etc., permitem ao leitor diversas possibilidades de construção de sentido, mas sem esgotar a experiência manifesta pelo pichador.

Rudolf Otto ajuda a entender esta dinâmica a partir do que chamou de "sagrado como categoria *a priori*" (Otto, 2007, p. 150). Ele defende que

esta categoria é composta por componentes racionais e irracionais. A princípio, estes termos soam um tanto estranhos exatamente por conta de seus usos na vida humana hodierna. Assim, o componente racional pode ser entendido como a associação mental que se faz, mas objetivando (coisificando) o pensamento. Por exemplo, as palavras só são palavras quando construídas por intermédio de um idioma, de uma língua. Mesmo o ato de pensar é objetivado (e condicionado) a uma língua. Contudo, a despeito desta objetivação (coisificação), há ainda um outro elemento constituinte da experiência humana que não é passível de objetivação, mas que é essencial à construção e constituição humana: o sagrado. Não se trata de algo físico, por isso não se pode chamar de "ele", já que seu conhecimento e compreensão se dá "através", ou seja, por meio de uma "relação" não representativa racionalmente, por isso situada em uma ordem irracional, não condicionada.

Alguém pode perguntar (ou se perguntar): "mas como isso acontece?". A resposta, obviamente, não é tão simples como demonstrar um teorema da Física, mas pode ser resumida à celebre frase do personagem mítico Chicó, da obra de Ariano Suassuna: "não sei, só sei que foi assim". Isso ficaria na explicação do termo "mistério", de Rudolf Otto, que seria aquilo que é indizível, impronunciável, "na medida em que foge totalmente à apreensão *conceitual*." (Otto, 2007, p. 37 – *grifo* do autor).

A questão é que, ao lidar com situações intrinsecamente humanas, é necessário considerar o homem e o que lhe torna humano, que são suas idiossincrasias. Nisto entende-se a diversidade de manifestações e a pluralidade de significados que elas produzem ao acessar uma dimensão profundamente humana, "o próprio espírito humano [Geist]" (Otto, 2007, p. 152). Seria a partir do "Geist" que o homem constrói-se e constrói suas percepções de mundo. Mas para que construir um mundo todo e viver sozinho? É daí que surge a necessidade de compartilhar este mundo com outros, seja de modo coletivo, repetindo sua visão de mundo a todos os que querem ouvir, seja de modo intuitivo, tocando no componente

irracional da experiência humana. Em ambos os casos, sem querer ser essencialista ou reducionista, estará se fazendo religião, já que está explícito e implícito um conteúdo a ser oferecido ou tomado como sagrado.

O *homo religiosus* e a experiência com o "sagrado"

Partindo das construções do item anterior, torna-se necessário discutir a representação fenomenológica desta dinâmica a partir de uma dimensão humana que é responsável pela "gerência" dos aspectos religiosos do homem: o *homo religiosus*. Manifesto por suas práticas objetivas, como o pixo aqui estudado, este homem religioso pode ser profundamente previsível quando suas práticas religiosas são realizadas. Mas, antes de prosseguir, é preciso ressaltar a ambiguidade do termo "religioso".

Eivado por um significado objetivamente formal e por vezes jocoso, o religioso está sempre associado à instituição religiosa, à igreja, ao templo, etc. Contudo, e partindo dos pressupostos da Ciência da Religião, religioso é todo e qualquer homem que acredita em uma realidade absoluta, que transcende a realidade imanente deste mundo (ou do mundo a qual vive) e segue rumo a esta realidade absoluta (Eliade, 2010). Assim, um ideal político, social, esportivo e mesmo religioso é representativo da existência do *homo religiosus*. Por isso, ao ouvir falar de religioso, entenda-o nesta ordem.

Deste modo, o *homo religiosus* vive em função de sua experiência com o "sagrado" e age com o intuito de realizar, na presente realidade, aquilo que afetou seu centro do mundo (*axis mundi*). Com isto, toda ação do homem deverá dar conta daquela experiência última de sentido e, por isso, essas ações, para serem corretamente compreendidas, devem considerar a dimensão fenomenológica a qual se deram.

Assim, diante de um pixo, o que menos deveria chamar a atenção seria a forma a qual está representada. É possível que esta forma cause repulsa e espanto à primeira vista (talvez até na segunda, terceira…). Contudo, deve-se considerar que esta é exatamente uma "estratégia" do pichador para "chocar" seu interlocutor. Retornando a Otto, este choque representaria uma dinâmica ambígua do "numinoso", termo cunhado por ele para ressaltar este "momento" *sui generis* que escapa à racionalidade, mas é compreendido quando se considera o aspecto irracional da experiência. Neste sentido, o choque corresponderia ao quinto aspecto do numinoso de Otto, denominado "assombroso", considerado em um "plano inferior, numa forma discursiva ou literária aguada e 'decaída'. A base do seu sentido está no aspecto *inquietantemente misterioso* [*unheimlich*] do numinoso." (Otto, 2007, p. 79, *grifos* do autor). Por isso, o pixo pode se desdobrar em um aspecto "terrível e soberbo, descomunal e estranho, esquisito e admirável, assombroso e fascinante, divino, demoníaco e 'enérgico'." (Otto, 2007, p. 79).

A experiência do *homo religiosus* diante deste numinoso pode ser verificada pelo testemunho do pichador ou do interlocutor, este estando despido de seus juízos valorativos. Mas mesmo ainda julgando valorativamente o pixo, novamente ressalta-se o *homo religiosus* quando há a voluntária repulsa ao pixo. A justificativa para isso seria a não-localização daquela linguagem no centro da vida religiosa deste homem. Esta seria a mesma experiência de um ateu, por exemplo, recebendo um papel com dizeres bíblicos. Em ambos os casos, ressalta-se o *homo religiosus*.

O fazer "religião" a partir de uma linguagem não religiosa

O aspecto motivador desta comunicação é pensar a possibilidade de se expandir o conceito de religião para além do que é formalmente praticado. Ao se analisar o pixo como uma manifestação religiosa, tem-se

como pressuposto o *eidos* (a intenção) por trás das palavras e termos empregados. E assim, é necessário atentar para esses pixos analisando-os enquanto "símbolos e sinais", quando "cada símbolo indica uma realidade além dele. É por causa dela que ele existe. Nesse sentido, símbolos e sinais têm identidade essencial – indicam algo além deles." (Tillich, 2009, p. 98).

A realidade por trás desta linguagem (pixo) remete a um conteúdo profundo e constitutivo do próprio homem (o *homo religiosus*) que só pode ser expressa por meio desses símbolos e sinais. Como se discutiu anteriormente, a experiência de sentido último não se reduz a uma explicação racional, já que ela é de outra ordem (irracional), sendo possível apenas conhecer o relato de quem a sentiu.

Assim, esta realidade seria representada por meio de símbolos onde seu "real" valor só pode ser conhecido pelo *homo religiosus*, ou seja, aquele que teve a experiência, que teve uma "relação" com o sagrado. Não que o pixo constitua-se, por si próprio, em algo transcendente, mágico, portanto sagrado. Mas apontam para um "transcendente absoluto [que] está além de todos os símbolos que o representam" (Tillich, 2009, p. 103).

A linguagem religiosa, ou não religiosa, no caso em discussão, não é claramente identificada com mitos e ritos que estão bastante visíveis em uma religião institucional, mas a teoria que permite a leitura desses mitos e ritos como linguagens (Croatto, 2001) aponta para a existência de uma essência religiosa bastante significativa por trás dos pixos. Basta, em um exercício de classificação, identificar a origem de cada pixo (gênero, política, anarquia, movimento negro, cristianismo…). Prosseguindo-se o exercício, a partir do conhecimento da origem (do *axis mundi*) do pixo, levando-se em conta aí a cosmovisão do grupo estudado, seria possível fazer um estudo a partir dos pressupostos epistemológicos da Ciência da Religião que, partindo da fenomenologia, daria conta não só de explicar e analisar, mas de compreender as formas de construção de sentido, os mitos fundantes, os rituais que os acompanham e o que mais caracteriza uma religião: o desejo incutido nesta manifestação (Alves, 1984).

A partir desta construção, caberia o uso do termo "espiritualidade" para compreender a vida de um pichador. Dotado de um "espírito", "Geist", como Rudolf Otto assentou, a pichação seria o fazer deste espírito, portanto, sua "espiritualidade", ou seja, seu espírito em ação. E o exercício pode ir mais além quando, conhecidas as manifestações (pixos) em uma amostra significativa, além de se colher depoimentos de pichadores ou de interlocutores, se torna possível elaborar um tipo de memória sistematizada capaz de dar conta das motivações intrínsecas que compõem a "tradição" do pixo. Aí, à semelhança do que fez Paul Tillich escrevendo sobre a "Teologia da cultura", pode-se fazer uma "Teologia do pixo". Nada mal para ajudar o pessoal do pixo em suas justificativas quando intervém de forma religiosa e, graças à liberdade garantida constitucionalmente, cidadã no espaço público.

Conclusão

Pode parecer um tanto "religiosa" e "proselitista" a temática e o modo como ela foi abordada nesta comunicação. Contudo, esta era a intenção, já que há uma noção de que religião e espaço público não combinam. Mas, ao tentar enlanguescer o entendimento de religião até que ele alcance as pichações que são quase "onipresentes" em um espaço pretensamente secular, como o observado, não se desejou legitimar uma presença religiosa mais institucional, tendo como subterfúgio o caso analisado, senão, demonstrar como a religião está presente até quando tenta-se anulá-la.

Esta abordagem só foi possível graças ao uso da lente fenomenológica que é constituinte, e porque não considerá-la a visão por excelência, da Ciência da Religião. Com isso, espera-se contribuir para a ampliação das pesquisas na área, algo que, como demonstrado neste trabalho, pode ter inúmeras aplicações.

Bibliografia

ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1984.
CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: Uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
SMART, Ninian. **The religious experience of mankind**. New York: Fount Paperbacks, 1981.
TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.
_____. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.